ANO 7.º | Sexta-feira, 3 de Julho de 1914 | NUMERO 329

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(•)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

A tragedia de Sarajevo

Na historia universal acaba de ser escrita mais uma pagina com o sangue de duas vitimas—o arqui-duque Francisco Fernando, herdeiro presuntivo do trôno de Austria-Hungria e sua esposa a duqueza de Hohenberg.

Em visita a Sarajevo, uma cidade da provincia da Bosnia, ultimamente anexada, os futuros imperadores da Austria caíram varados pelas balas duma *browning*, tendo antes escapado dos estilhaços duma bomba de dinamite que sobre eles fôra arremessada por um dos conjurados, Cabrinovitch, tipografo servio, como servio é o assassino, de nome Prinzip, estudante.

Francisco Fernando, sobrinho de Francisco José, o atual imperador, desde que pela saude precaria de seu tio agravada com o peso dos anos foi tendo ingresso e voto nas altas questões do Estado, dotado dum génio altivo e extraordinariamente autoritario, julgando-se—quem sabe?—invulneravel aos ataques dos homens que ele, do seu pedestal de previlegios, supunha incapazes até de o olharem de sobrencelha carregada, não perdia a ocasião de dar expansões aos seus despotismos e especialmente ao odio mantido contra a Servia, a quem, tendo forçado em 1909 á capitulação mais humilhante para evitar uma invasão militar comandada por ele proprio, invasão que por certo custaria a autonomia daquele povo e que levou á renuncia dos seus direitos á corôa o principe Jorge, tal foi o agravame recebido, Francisco Fernando ainda na ultima guerra dos Balkans não se cançou de contrariar todas as aspirações, as mais justas, desse país, mobilisando milhares de homens que estivéram prestes a invadir o territorio servio.

Nesse ano a imprensa referiu largamente a descoberta duma tentativa contra a vida de Francisco Fernando, dirigida pelo principe servio, Jorge, que não chegou a realisar-se, tendo, contudo, desaparecido *misteriosamente* um homem de nome Defelice, encarregado de liquidar o arqui-duque na Moravia onde ele devia ir assistir ás manobras militares.

As altas funções de que Francisco Fernando se achava investido; a preponderancia da sua vontade e o triunfo da sua opinião na marcha dos negocios publicos e na politica geral do imperio, desgostavam já e profundamente os variados elementos constituitivos a dentro do proprio país, ferindo sem piedade o sagrado amor patrio e a grandêsa da crença de raças dos povos seus visinhos.

Admirando o imperador da Alemanha, Francisco Fernando empenhava-se em imital-o tanto ao vivo, que o velho seu tio, Francisco José, por muitas vezes teve de lançar mão de meios violentos e de energia, a mais manifesta, para evitar que o despotismo, a violencia e os impulsos sanguinarios do sobrinho, agora morto, perturbassem a paz da Europa!

Tal era o feitio, o caracter do homem que, apesar de toda a sua omnipotencia, julgada intangivel, que a alucinação sugestionadora da sua grandêsa concebia, caíu como o mais simples e humilde dos mortaes aos efeitos duma bala que o atingiu em pleno rosto, produzindo-lhe a morte!

E, contudo, lamentamos profundamente o triste, o horroroso quadro que resulta do choque violento de sentimentos, uns mantendo previlegios, defendendo ambições, alimentando interesses de encontro á época e aos direitos das gentes, outros levando até ao sacrificio da vida e ao cometimento de crimes na defêsa suprema da patria ofendida.

Junto dos cadaveres das vitimas ergue-se o vulto dum homem cujo coração, ha tanto golpeado pelas mais pungentes dôres, ainda o destino cruel e amargo reservou mais esta—o velho Francisco José.

Sobre os seus hombros, como sobre os seus longos anos, peza o sinistro destino da não menos sinistra fatalidade.

No Mexico, fuzilaram-lhe o irmão Maximiliano para onde havia sido empurrado por conveniencias politicas mal pesadas. Em Genebra, assassinaram-lhe a esposa com quem nem sempre mantivéra as mais pacificas e cordeaes relações.

Em Meyerling, um dia, aparece o cadaver de seu filho Rodolfo de Habsburgo, o principe herdeiro, ao lado da baronêsa de Vecsera, que alguns, á boca pequena, dizem hoje ainda ser sua filha tambem.

Os escandalos da côrte são sucessivos: João Orth, o principe Salvador, desaparecido para sempre; Luiza de Saxe, arrastando pelo mundo uma vida de aventuras; casamentos morganaticos de arqui-duques... Ultimamente, apareceu uma senhora de nome Carolina Francisca Moria que pretendia ser filha da imperatriz Izabel, sua esposa, não referindo nós as gráves perturbações do velho imperador ocasionadas pela politica interna e externa.

E de toda esta tragedia resultára ainda mais luto e mais sangue! Tres creanças, orfãs de pae e mãe; luto e lagrimas na côrte; lagrimas e luto nos lares dos que pagarão com a vida o seu gesto implacavel e vingador, na derradeira madrugada, quando o sol dardejar sobre as suas corôas de martires, colorindo mais intensamente a auréola que os ilumine, beijando ao mesmo tempo a cabeça encanecida e cabisbaixa dos velhos paes, a face angustiada e lacrimejante da pobre mãe, que a doçura dumа esperança animará até ao momento do cruel desengano!

Tristes realidades... que todavía se obstinam vêr!

"O NORTE,,

Recebemos o primeiro numero deste novo diário da tarde que no Porto começou a publicar-se sob a direcção do sr. Jaime Cortezão, ilustrado professor e um dos mais distintos escritores contemporaneos.

Apresenta-se muito bem redigido, com variadas secções e enfileira no Partido Republicano Português, fazendo nesse sentido uma calorosa profissão de fé pela penna brilhante de quem o dirige.

Ao *Norte*, com as nossas saudações de boas vindas, o desejo de que tenha uma vida prolongada e prospera.

Capitão Ferreira Viegas

Partiu para Mafra, onde deve fazer tirocinio para major, este nosso presado amigo, brioso militar e distinto colonial.

A' despedida compareceram muitos dos seus camaradas que, como nós, almejam vêlo, dentro em bréve, de novo em Aveiro e no corpo em que tão arreigadas simpatias conquistou.

REMEMBER

Ha cinco anos

Passa hoje o 5.º aniversario da passagem do sr. D. Manuel II na estação do caminho de ferro desta cidade em direcção ao Porto.

Foi pouco depois das 13 horas. Na *gare*, o elemento oficial, duas bandas de musica e alguns curiosos. Lembranos, como se fosse ha instantes. Tambem lá fomos. Por sinal que muito nos divertimos com a vigilancia sobre nós exercida por uns pobres diabos do Porto a quem chamavam agentes da judiciaria, mas que logo se denunciaram como espiões apenas entraram no serviço que lhes haviam destinado.

Entretanto chegou o comboio.

Gente para esse fim alugada solta os primeiros vivas a *El-Rei*, que, sorridente, aparece no varandin da carruagem a receber os cumprimentos. Dentre os manifestantes destaca-se, porém, um que dá nas vistas: era o Azevedo, o tal a quem os *donos* ordenaram que puzésse na rua *a rêles gazeta da sua terra*... Seguia-se-lhe o *Bichêsa*, o *Flautas*, que para vivas não ha quem o desbanque, mas tudo se passou friamente, sem entusiasmo a não ser o dos tres citados e refinadissimos... realistas.

Todavía, era preciso dar a impressão de que a magestade fôra aclamadissima na sua passagem por Aveiro e que o sentimento monarquico estava tão arreigado no coração dos defensôres do trôno que efectivamente, da *semente daninha* aí trazida pelos *papoilinhas* nem um só grão germinou...

Ora dessa parte se encarregou aquela conhecida jornaléca da Vera-Cruz—o *Camaleão*—que pela penna *brilhante* do seu principal mentor, assim escreveu:

VIVA EL-REI!

Quasi se póde dizer désta segunda visita de el-rei ao norte o que se disse e realmente foi a primeira do seu auspicioso reinado, em novembro ultimo.

CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

VIVA EL-REI!

Chapelaria Veiga

PORTO

Acolheu-o, no percurso, o ruido das saudações populares, numa viagem feliz, de verdadeiro triunfo para a monarquia, que o augusto chefe do Estado simbolisa.

O Porto, a cidade heroica, heroica defensora das liberdades patrias, mais uma vez recebeu o soberano com as cativantes homenagens e demonstrações de aféto á corôa portuguêsa, que são dos seus habitos fidalgos e da sua dedicação ao trono, que não perde um ensejo de aproximar-se do povo e de manifestar-lhe, por seu turno, o seu respeito e o seu amor por esse mesmo pôvo, tão bom, tão generoso, tão grande ainda.

Néssa feliz viagem, a que el-rei veio por motivo duma festa patriotica, pois se solenisavam brilhantes episodios da nossa epopeia militar, mais uma vez o soberano têve ocasião de apreciar o enternecido carinho e a respeitosa simpatía das grandes massas populares de norte a sul do país.

Em Aveiro sucedeu o que era de prever. A noticia da passagem de el-rei trouxe aí centenas de pessoas que de todos os pontos do concelho e de muitos do distrito correram a patentear-lhe **a sua calorosa adesão,** a vitorial-o, a dizer-lhe, por maneira evidente, da sua satisfação, **das suas crenças na monarquia constitucional,** que êle representa. A *gare* encheu-se, apinhou-se de gente, em larga representação de todas as classes sociaes, avultando, entre aquéla massa enorme, que se comprimia, o povo da cidade e das aldeias, que precisava fazer naquéla eloquente afirmação de principios, **o desmentido soléne que fez dos falsos pregões da demagogía decadente.**

A' passagem de el-rei, nos dois dias em que éla aí têve logar, ninguem faltou. Fizeram-se ouvir os hinos festivos, estoiraram os foguetes e os morteiros, mas a vibração das aclamações populares, o ruido daquéla saudação calorosa, sobrexcedeu, sobrelevou tudo isso. El-rei sorria á multidão, satisfeito, e levou daqui, por cérto, a mais lisongeira, a mais grata impressão.

Não houve distinções, nem de partidos nem de classes. **Lá estavamos todos: os dissidentes, os progressistas, os regenêrados-liberaes, toda a familia politica de preponderancia na terra unida no mesmo pensamento, com o mesmo ardor, o mesmo entusiásmo, como se fora sob a mesma bandeira, afirmando a sua dedicação á causa da monarquia, que é a causa da Patria e da Liberdade.**

Esta segunda visita oficial de el-rei ao norte, marca na sua historia, na historia da nação, algumas paginas mais de **verdadeiro triunfo.**

Por que o sr. D. Manuel II prosiga conquistando novos louros, firmando no amor do povo os alicerces do seu trono, **são os nossos, são os mais sincéros votos de toda esta formosa região da beira-mar.**

Mais uma vez e **em nome do prestigioso grupo politico que nos honrâmos de representar na capital dêste distrito, bradâmos a toda a força do nosso entusiasmo e das nossas convicções:**

Viva el-rei!

São passados cinco anos.

Como se vê a defêsa de tão bôa causa não podia ter caído em melhores mãos, dada a transformação porque passou a jornaléca logo que viu estabelecido em Portugal o regimen republicano.

Ontem, invocando o nome do *prestigioso grupo politico que se honrava de representar na capital do distrito*, *bradava* **a toda a força do seu entusiasmo e das suas convicções** vivas a el-rei; hoje é o que se está vendo—pouco lhe falta para ser mais afonsista do que o proprio chefe democratico desfazendo-se em contomelias tambem *com toda a força do seu entusiasmo e das suas convicções*—pois pudéra!—deante daquele que melhor se tem prestado a servir os seus interesses, satisfazendo-lhe as ambições, encobrindo-lhe as mazélas!

E lembrarmo-nos do que á Republica temos dado em sacrificios de toda a ordem para os cães aproveitarem!...

A obra da Republica

OS RESULTADOS GLOBAIS DO ORÇAMENTO PARA 1914-1915

Total das receitas. .	83.390.965$30
Total das despêsas .	79.649.140$34
Saldo. .	3.741.824$96
Reservado deste saldo para a defêsa nacional	2.500.000$00

O saldo calculado pelo sr. dr. Afonso Costa em 14 de Janeiro de 1914 era de 3.392:764$72.

Aumentou portanto ainda o saldo em 349:060$24.

A'lérta

—(•)—

A' hora a que o nosso jornal fôr distribuido deve ter começado o serviço de inspecção de recrutas para a vida militar.

Apesar da sua altissima significação e de quanto ele exige de justiça e imparcialidade que terá de ser aplicada aos que ali vão em holocausto á Patria, impostos pela edade atingida para esse fim, não nos cançâmos de acordar em todos, inspecionados e inspecionadores, o cumprimento sagrado dos seus deveres.

E' absolutamente imprescindivel que duma vez para sempre termine a ignobil traficancia que em tempos idos para aí se fez, vergonhosa e escandalosamente, havendo quem, sem a mais leve sombra de pudor e de dignidade, mercadejasse a determinadas quantias, fantasticas influencias postas a favor do livramento daqueles que o dever levava ao cumprimento dessa obrigação, chegando o cinico descaramento de determinados individuos a permitir a entrega de falsos atestados nos quaes, vendendo a razão porque os passaram—a sua honra—atribuiam aos interessados doenças e sofrimentos cuja gravidade estava na razão directa da importancia que em troca os miseraveis autores dessa proeza recebiam.

Pois ás juntas inspecionadoras a apresentação de qualquer desses documentos, que são, todavía, de menos perigosa exploração, deve imediatamente pô-las de sobre-aviso com os portadores que, sabemo-lo nós, pagam caro e muito caro, as mais das vezes, a falsidade de quanto em tais documentos se afirma.

A verdade de quanto aqui sobre estes casos temos dito está no espirito de todos. A conveniencia duns os faz calar; a covardia doutros, emudecer.

Nem uma nem outra cousa a nós se impõe e por isso aqui repetimos a necessidade imperiosa de presidir á escolha dos mancebos para a honrosa taréfa de bem servirem a Pa-

tria, o maximo de justiça e de imparcialidade, unico remedio para acabar a baixa traficancia das isenções, por dinheiro, e correr com a malta que só tem demonstrado ser compativel com emeritos gatunos e *vigaristas.*

Junta Geral do Distrito

—=(*)=—

Teve logar no sabado a reunião ordinaria da comissão executiva da Junta Geral.

Presidiu o dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro estando tambem presentes os vogaes dr. Samuel Maia e dr. Elisio Sucena.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento do balancête do tesoureiro, acusando um saldo de 166$69 e do expediente, que ficou arquivado.

Aprovados os orçamentos ordinarios pora o ano economico de 1913-1914 da irmandade das Almas, da freguezia de Oiã, concelho de Oliveira do Bairro e da irmandade de N. S. da Ajuda, da freguezia e concelho de Espinho. Para o ano economico de 1914-1915 das seguintes irmandades: de N. S. do Rosario, freguezia de Alquerubim e do Santissimo, de Angeja, do concelho de Albergaria-a-Velha; da Associação da Assistencia da irmandade do Senhor dos Passos da freguezia e concelho de Vagos; do Senhor dos Passos, da freguezia de Paços de Brandão, concelho da Vila da Feira; do Senhor Jesus, da freguezia da Gloria, do Santissimo Sacramento e Senhora do Rosario, da freguezia de Eixo, das Almas, da mesma freguezia, das Almas da Povoa do Valado, freguezia de Requeixo e da Misericordia desta cidade, concelho de Aveiro e as contas relativas ao ano economico de 1912-1913 das irmandades: de N. S. do Rosario, da freguezia de Romariz e idem da Vila da Feira, ambos deste concelho; da N. S. do Rosario, da freguezia de Esgueira, concelho de Aveiro; de N. S. do Rosario, da freguezia e concelho de Ovar; de N. S. da Ajuda, da freguezia e concelho de Espinho; de S. Pedro de Paradela, freguezia de Espinhel é do Senhor Jesus, da vila de Agueda, concelho deste nome.

Distribuiram-se vários processos de contas, autorisaram-se pagamentos na importancia de 345$14 e procedeu-se á arrematação do fornecimento de generos alimenticios e artigos de vestuario, etc., para as duas secções do Asilo Escola.

Por ultimo foi resolvido enviar ao sr. ministro do Fomento e presidente do ministério telegramas para apoiarem e defenderem o pedido ao Congresso para que no projecto do orçamento do ministério do Fomento, que se achava em discussão, fossem transferidas as verbas destinadas a serviços de viação para um capitulo especial intitulado—*Juntas Geraes de Distritos*—e autorisado o pessoal do mesmo ministério a ser distribuido por aqueles serviços e pelos que continuem a cargo do Estado.

POR AGUEDA

Houve na sessão camararia da semana finda, em Agueda, mosquitos por cordas, em virtude dos protestos contra a venda dos baldios e outras que a câmara tem feito com manifesto desagrado do povo.

A alturas tantas interveio a força armada sendo por éssa ocasião efectuadas algumas prisões entre as quaes a do nosso velho amigo e correligionario, José Alves de Oliveira, que tem tido nésta questão um papel importante pela defêsa que tomou a peito dos legitimos interesses dos povos concelhios.

Foi, decérto, para ele uma grâve afronta, éssa, de o meterem entre baionetas quando o seu crime não era outro senão o de defender *á outrance* os direitos dos municipes, e por isso o abraçâmos significando-lhe o quanto sentimos a violencia de que o tornaram alvo, quem sabe se por ser um dos republicanos mais antigos da linda Agueda...

Artigo historico

Ha dias, após o indispensavel reclame, apareceu na *Republica*, orgão oficial do evolucionismo, um artigo da penna do sr. Antonio José de Almeida, epigrafado—*Afonso Costa.*

Esse artigo ocupava toda a pagina da frente do referido jornal, como revelando em toda a sua estupenda grandeza o proposito do seu autor de que não ficasse por consignar, sob os mais variados aspectos por que a sua prosa fosse estudada, todo o odio, todo o rancor, toda a baixêsa dos mais ruins sentimentos, que se albergam e vivem no peito do sr. Antonio José de Almeida, contra Afonso Costa, separando e dividindo agora estes dois homens que nos tempos idos e duros da propaganda e da revolução encarnaram em si toda a grandêsa, toda a admiração e estima dum partido inteiro e até dos proprios antagonistas que os temiam como os mais valorosos paladinos revolucionarios.

E assim era de verdade. Quem escreve estas linhas, quando de despotico periodo de João Franco, sabendo da prisão de alguns dos mais brilhantes ornamentos do partido republicano; conhecendo as de Afonso Costa e Antonio José de Almeida, a seguir ao famoso decreto de 31 de Janeiro, assinado em Vila Viçosa, teve o seguro palpite, que afinal era a logica previsão dos factos, de que não decorreriam muitas horas sem que algum grâve acontecimento se desenrolasse nas ruas de Lisboa, no Porto, em Coimbra, em qualquer ponto, enfim, do país. Não seríam impunemente sequestrados do seio do partido republicano, aqueles a quem a Patria tanto devia já, que eram o nosso sentir, a alma vibrante da revolução e das mais nobres e alevantadas aspirações dum povo esmagado e vilipendiado por uma tropa fandanga de réles politiqueiros e de estadistas de fancaria que escalavam o poder a troco de favores ao Paço e de adeantamentos ao rei.

E tal palpite não falhou, indo as nossas suposições até onde nunca esperavamos que fossem. A repetição do movimento de 28 de Janeiro; uma tentativa realisavel ou não contra João Franco; um acto qualquer violento, fremente de colera, desenrolado nas praças da capital; choque com grâves consequencias entre a policia e o povo; enfim, qualquer acto que evidenciasse que as prisões dos republicanos, especialmente de Afonso Costa e Antonio José de Almeida não deixavam o partido e os verdadeiros patriotas de braços caídos, inértes e aterrados, deante das loucas bravatas e dos destemperos do desvairado ditador, eis o que esperavamos a todo o momento.

Porém, mais do que tudo quanto previamos e supozémos, se realisou. No Terreiro do Paço caíu varado pelas balas duma carabina, o rei Carlos, o mantenedor do tiranête, que, a troco da satisfação das suas ambições, sustentava no poder e participava das responsabilidades gravissimas dos seus actos ilegaes e violentos. Grande exemplo, não menos grande gesto, esse, que bem traduziu não só a absoluta incompatibilidade entre o povo e os processos da reacção dirigida por João Franco com a chancéla real, mas ainda porque com o seu resultado se executava todo o negro plano do aniquilamento do partido republicano, dada que fosse a morte e o desterro dos seus homens mais eminentes e valiosos! Entre eles estavam Afonso Costa e Antonio José de Almeida, os mais queridos de todos e a ameaça que pairava sobre essas duas incomparaveis figuras bastou para que braços vingadores se erguessem, sem um tremor, sem um receio, formidaveis, extraordinarios, aniquilando, abatendo a cabeça da hidra, que, considerada intangivel, mas alvejada, com ela não se repetiu quanto a lenda refere ter sucedido com a de Lerna!

Pois quando vinga, triunfando, o Ideal que contava e conta nas suas fileiras homens de tão valorosa abnegação por ele e pela Patria; quando, entre outros, Afonso Costa e Antonio José de Almeida constituem, entre os aplausos e vertigens de entusiasmo, o primeiro govêrno republicano, logo houve quem, estribado na simpatía publica pelas suas pessoas e na convicção do seu valor politico e intelectual, prespectiva de futuros partidos a dentro das novas instituições, se arvorasse em chefe de grupo, traçando programas e estabelecendo opiniões.

Foi, sem duvida, um grande erro, esse, erro que se avoluma agravado com as consequencias de todos os desatinos produzidos pela paixão desenfreada daqueles que, *republicanos* hoje, são, todavía, os mesmos monarquicos doutr'ora conservando nos reconditos do seu coração o desejo e o proposito ardentes de comprometerem e aniquilarem o novo regimen, que fingem servir com devotada convicção.

Afonso Costa, contrario á creação de partidos e até por essa ocasião gravissimamente enfermo, havendo sérios receios pela sua vida, ficou onde devia ficar—no seu posto, dentro, bem dentro do historico partido republicano, identificado com o seu programa, com as suas aspirações, que apesar de tudo não abandona nem esquece.

Os outros—apresentaram programas, batisaram partidos e a *ardencia* dos seus *fieis soldados* principiou de cavar abismos entre os que nunca se deveriam distanciar, mais que não fosse senão para evitar a pequenez politica duns e a esperteza desastrada doutros!

Infelizmente não sucedeu assim e como nem todos pódem possuir a multiplicidade de meritos, o tacto politico e a segura orientação das cousas e dos factos, esses chefes, pelas suas proprias palavras e obras, estabeleceram, eles proprios, as suas classificações. O país foi avaliando, foi vendo, sentindo e logo se evidenciou por aquele que não arredando pé do seu logar, não limita a palavras nem a réles intrigas de baixa politica os seus altissimos e valorosos serviços á Patria e á Republica.

Quasi todas as leis, tudo quanto significa e valorisa as novas instituições é dele. E' de Afonso Costa. Com pequenas excepções póde afirmar-se que só Afonso Costa justifica o regimen.

A sua individualidade é inconfundivel e o seu valor, merecimentos e serviços, provados e demonstrados, não são os impagaveis discursos dum Celorico Gil que os destroem, nem a prosa a um tempo lirica e raivosa do sr. Antonio José de Almeida que o moleste. A esse grande arrasoado tivémos ocasião de observar, e ainda bem, que poucos foram os que lhe déram importancia.

Mas, sr. Antonio José de Almeida—*sua alma, sua palma...*

Afunda-se? Como se alguem fosse culpado da falta de qualidades que o ergam até onde as suas aspirações almejam!...

Que infinita decepção!

O sr. Antonio José de Almeida cometeu mais um grâve erro mostrando, naquele artigo, a sua alma... por dentro.

Antes abrisse o coração para as excelencias do Bem e o espirito ao explendor da Verdade.

Este deve ser irremissivelmente o dever que cumpre a todo o homem que afervora um povo a dépôr nas aras do trabalho os frutos da sua consciente actividade e nos escrinios da Virtude as oferendas da sua sinceridade impecavel manifestadas na crença ardente por um Ideal que se não macula a troco de compensar paixões insatisfeitas e vaidades inconfessaveis.

Ria de Aveiro

Estivéram nésta cidade, com demora de alguns dias, os srs. capitão de mar e guerra Vicente Coutinho de Almeida de Eça, lente da Escola Naval e vogal da comissão de pescarias e capitão de fragata, Lacerda.

O primeiro veio principiar os estudos necessarios para o estabelecimento na ria da industria de ostreicultura, acompanhando-o o segundo, que anda no reconhecimento da costa de Portugal.

Na capitanía do porto foram prestados a suas ex.as todos os esclarecimentos de que careciam ao iniciarem os trabalhos que aqui trouxe os dois distintos oficiaes de marinha.

O Conde

—=(*)=—

Num numero que temos presente da *Soberania do Povo* volta o Conde d'Agueda a explicar—a proposito dumas referencias dos *Sucéssos*—que tanto ele *como os seus amigos não se fizéram republicanos com a declaração publica de que aderiam á republica.* E acrescenta o orgão: *Perante o secretario geral do govêrno civil foi dito pelo sr. Conde de Agueda que a declaração de que se trata significava uma espectativa benevola qve os signatarios da referida declaração ofereciam á republica, á qual não levantariam dificuldades para que ela podésse mostrar a sua utilidade em beneficio do país.*

E' esperto o conde, mesmo muito esperto. Mas a quem julgarão os da *casa do Adro* iludir com tanta espertêsa? A nós não, decérto, que os conhecemos de jingeira...

No entanto póde haver papalvos que o acreditem e a esses tambem temos obrigação de abrir um pouco os olhos. O conde mente, mente como um perro quando diz que foi por simples *espectativa benevola* que aderiu á Republica. E' mesmo o cumulo do impudor afirmar o tal. As suas declarações, os seus discursos, os escritos da gazeta de Agueda, no tempo em que o conde andava perdido de entusiasmo a aclamar o sol nascente são outros tantos documentos que nos autorisam a esmagar todas as tentativas ensaiadas para se justificar do tremendo, do espantoso fiasco que a sua adesão ás novas instituições representou e representa á vista de toda a gente. E' preciso atentar as suas palavras: *A monarquia morreu.* **Tentar o seu resurgimento, sería uma deslealdade; mais do que isso, sería uma cobardia indigna do nome de portuguêses.**

O conde esqueceu-se? Não. O conde não se esqueceu, não se podia esquecer.

O conde sabe muito bem que foi tão explicito nas suas declarações que não lhe é facil encontrar para elas segunda interpretação.

A proclamação da Republica foi um facto dos mais gloriosos que enchem a nossa historia, disse. **Os feitos dos soldados e do povo de Lisboa foram extraordinariamente heroicos, e a essa heroicidade presta as suas gratas homenagens. O sangue derramado nas ruas de Lisboa foi sangue abençoado, porque veio redimir uma patria abatida, uma nação defracada, que debalde queria vitalisar-se e engrandecer-se, mas que as ambições partidarias não deixavam consegui-lo.** Se assim era, como se entende que o Conde de Agueda venha agora, com pés de lã e pela primeira vez, afirmar que não, que não aderiu á Republica, mas sim ficou numa *espectativa benevola?* Pois é crivel que quem afirma *ter-se a monarquia extinguido para sempre;* que quem aclama, como ele aclamou na *historica* reunião da Praça do Peixe, no meio de *ruidosos aplausos;* que quem insta, e não é instado, para que os seus correligionarios o acompanhem na *leal e desinteressada adesão ás novas instituições republicanas,* faça tudo isso para ficar em *espectativa benevola* com que o Conde de Agueda quer mascarar a sua triste figura de politico sem convicções, sem ideial, sem vergonha?

Não, não. O Conde de Agueda, que nós supunhamos realmente que fosse um dedicado amigo de D. Manuel e portanto um defensor audaz do regimen que ele representava em Portugal, não passa, afinal, dum enfatuado camaleão, mas um camaleão autentico, tanto á prova poz no momento de suposto perigo a sua cobardia e falta de dedicação pelo rei deposto.

Estamos como o *Bichêsa—não péga.* Os argumentos que a *Soberania* aduz pódem ser bons, efectivamente, para iludir papalvos, mas teem um defeito—não jogam com a prosa que lá mesmo veio publicada, são tudo o que ha de mais contraditorio e nada dizem que justifique a pessoa que tão monarquica agora se quer mostrar depois dos republicanos a mandarem pentear macacos, repelindo-a, como se faz aos que nunca souberam o que devem á propria dignidade.

Se, como diziam os *Sucéssos,* o Conde de Agueda proclamou a adesão **incondicional** do partido progressista do distrito de Aveiro á Republica e nessa conformidade apresentou a moção que os nossos leitores já conhecem e o mesmo titular nunca desmentiu, claro está que ninguem, medianamente inteligente, aceita como verdadeiras as explicações do momento atual.

De resto, continue ou não o Conde de Agueda a gosar da estima e consideração de *El-Rei* e dos chefes monarquicos, isso nada nos importa. Por ele temos o despreso que costumâmos votar a todos os troca-tintas muito embora não deixemos de os discutir sempre que apareçam a salientar-se, aparentando uma autoridade moral que não teem, nem é licito que se lhes reconheça.

Edificante

O que acabam de nos contar é de tal maneira improprio deste regimen que até nos sentimos vexados só em pensarmos que não foi para isto que durante tantos anos trabalhámos.

Eis o caso em toda a sua resumida plenitude: Em outubro do ano findo pretendeu matricular-se na Escola Distrital de Ensino Normal a menina Amelia Candida Peres, filha do tenente coronel do 24, José Domingues Peres, cujos serviços á Patria e á Republica é escusado encarecer mais, por bem conhecidos. Essa menina não possuia a idade legal pois que só ás primeiras horas do dia 1 de Janeiro a completava e a lei determina no § 1.º, alinea *a* do artigo 2.º que o candidato deve apresentar certidão pela qual prove ter completado 15 anos até 31 de dezembro. Está claro que alguem intrecedeu junto do ministro para a esta menina ser concedida uma autorisação especial, mas debalde porque o sr. dr. Souza Junior, agarrado á lei, terminantemente se opoz a dar o seu assentimento.

Agora... agora o sr. dr. Sobral Cid vê as coisas por outro prisma visto que não obstante faltarem ainda perto de 4 mezes para poder ser admitida a exame no liceu, como aluna externa, á menina Maria Natalia Malaquias Pereira, duvida alguma teve em conceder-lhe essa autorisação contribuindo assim para o descredito da Republica que nada lucra, antes pelo contrario, com estas flagrantes desigualdades.

Não comentâmos. Deixem-nos apenas dizer que quem hade dar cabo do regimen não são os republicanos com as suas paixões, mas sim os *adesivos* que para ele trouxeram todos os defeitos que os caracterisou no tempo da *outra senhora...*

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

Notas mundanas

Regressou de Lisboa com sua interessante filha, a sr.ª D. Joana Gomes de Faria.

= Partiu para ali o sr. dr. Augusto Gil, governador civil do distrito.

= De passagem para Coimbra, visitou-nos nésta redacção, o sr. Abel Valente de Almeida, bemquisto industrial de Loureiro, que muito grato nos foi conhecer e a quem agradecemos a sua gentilêsa.

= Tem estado doente o nosso bom amigo, Manuel Maria Tavares, de Requeixo, que contudo vai em via de restabelecimento.

= Egualmente se acha bastante encomodado, o sr. Ernesto de Freitas, habil tipografo désta cidade, ao qual desejâmos rapidas melhoras.

= Encontra-se nésta cidade, com sua esposa, o sr. Eduardo Pessoa.

= Adoeceu em Lisboa com uma peneumonia dupla, o deputado dr. Manuel Alegre.

PALERMICES

O *Diario da Manhã*, terrivel folha que o Zé de Arruela fundou com a mania de que hade restaurar o sistêma monarquico em Portugal, comemorando o trigésimo dia do seu aparecimento, diz que *só tem conhecido uma estrada*: *a do Dever—e por essa tem caminhado de cabeça erguida, sem olhar para atalhos, sem hesitações de qualquer naturêsa, batendo-se convictamente por uma só Patria, por um só Rei, por um só trôno, por um só Deus.*

Muito bem, muito bem, ó Zé! Mas olha lá: *estás livido!... Tens sêde?... Bébe um copo de agua...*

Diabruras de rapazes

—=(*)=—

Como já dissémos, passou, entre nós, mantendo, embora friamente, as tradicionaes demonstrações populares do costume, o S. João, que este ano teve a acompanha-lo copiosa chuva e trovoada.

No Porto, porém, foi onde a tempestade atingiu mais grâves proporções surpreendendo na avenida do Palacio de Cristal, milhares de pessoas, que, numa fuga doida, procuraram abrigar-se do tempo.

Ora foi, aproveitando a confusão, que uns endiabrados estudantes, lembrando-se da imagem de S. João que numa cascata se achava, impassivel á tormenta, combinaram tiral-a levando-a no... embrulho.

Com a partida deu sorte o director do Palacio. E na prespectiva da demissão do encarregado da vigilancia, responsavel moral da desaparição *milagrosa* do santo, a rapaziada, em procissão, deliberou fazer entrega da imagem, obedecendo á maxima de que—*o bom filho á casa torna*—arredando assim o castigo, ameaçador, ao pobre guarda, de carne e osso como os que fugiram da tormenta, desfazendo a arrelia dos dirigentes da festa e proporcionando ocasião para uns discursos hilariantes e algumas horas alegres.

Rapaziadas! Que em tudo procuram pretextos para expansões proprias dos seus anos alegres e despreocupados!

Felizes dos que assim se divertem e... aos outros.

SERENATA

Promovida pelo *Rancho de Tricanas das Olarias*, que nesse dia festejou o 7.º aniversario da sua organisação, teve logar na segunda-feira, depois das 20 horas, uma deliciosa serenata na ria, executando o grupo as canções do seu vasto reportorio com geral aplauso das centenas de pessoas que acorreram a ouvi-lo, aglomeradas numa e noutra margem do canal.

O barco em que o *Rancho de Tricanas das Olarias* navegava era profusamente iluminado á veneziana e acetilene, o que muito concorreu para destacar no meio da escuridão da noite o simpatico grupo que tão agradaveis momentos proporcionou aos aveirenses.

O "PROGRESSO,,

—=(*)=—

Voltou o orgão evolucionista local ás... portas de Rodam e desta vez para nos confundir (!) visto como até em flagrante contradição nos julga ter apanhado quando o que é verdade é nós termos citado o tribunal a que estava afecta a questão não como unico recurso para onde se deva apelar á procura de justiça, mas por um méro descargo de consciencia, que a ninguem fica mal... O Supremo Tribunal Administrativo foi desfavoravel ao sr. Antonio Maria da Silva? Que admira isso se comnosco tambem já sucedeu termos sido condenados a pesada pena por nos insurgirmos contra as *escroquerles* que á sombra do mais sagrado tributo que um cidadão póde prestar á sua Patria aí se vinham cometendo ás escancaras, como a coisa mais natural do mundo? E ficámos, porventura, deprimidos? Aos olhos dos gatunos, sim, ficámos porque a esses, sendo de *categoría*, nada falta e tudo se congrega para os favorecer. Quem, todavía, nos conhece jámais deixou de se solidarisar com o condenado de *tão mau comportamento*, e ainda mais: de nos manifestar, por fórmas bem expressivas, o seu protésto pelas iniquidades de que temos sido vitimas.

Ora o sr. Antonio Maria da Silva pelo que lemos e pelas ausencias que lhe temos ouvido fazer não é, positivamente, o homem que os evolucionistas querem que seja. A clarêsa das suas firmas e categoricas explicações, a altivez com que se tem defrontado com os que pretendem a todo o transe envenenar as suas intenções, dão-nos ainda a impressão de que é *alguem*, muito embora o Supremo Tribunal Administrativo lhe fosse desfavoravel na questão em que o seu nome apareceu envolvido.

Justiça! Justiça! Tambem nós quizéramos que éla fosse incorruptivel porque então quem ia para a cadeia eram os gatunos, os *escrocs*, os *vigaristas*, os charlatães e não aqueles que, escrevendo para o publico, denunciam a existencia de taes cavalheiros, tão repugnantes quanto perigosos...

D. Judit de Sousa e Melo

A *Ilustração Portuguêsa* e o *Éco Artistico*, jornaes de 15 de junho ultimo, referem-se com grande elogio ao concerto realisado no salão da *Ilustração Portuguêsa* na noute de 3 de junho, pelas alunas da insigne pianista do nosso Conservatorio, a sr.ª D. Adelia Heinz. Para fazermos o elogio desta distintissima professora que reparte a sua enorme actividade, fóra das suas ocupações oficiais, por grande numero de lecionações particulares, com um zelo e competencia que nenhum cultor da especialidade, em Lisboa, é capaz de igualar, basta uma singela referencia á festa artistica de que a imprensa da capital tão lisongeira cronica fez.

Não era necessaria mais esta prova para se apreciar a indiscutivel aptidão, e ao mesmo tempo a inexcedivel capacidade pedagogica daquela insigne pianista, que tão habilmente inicia na mecanica do teclado e consegue apaixonar pelas belezas da musica, as suas prendadas e galantes discipulas que, em tão verdes anos, revelam já a linha de profissionais com todos os tics e segredos do *métier*. Para obter um tal triunfo é preciso ser mulher, viver para a arte e ter paixão. E na verdade s. ex.ª possue todos estes requisitos e vai os transmitindo ás suas alunas que, com os seus progressos, constituem para ela a sua mais preciosa corôa de gloria.

Foram 22 as alunas que naquela inesquecivel noute tanto deliciaram os nossos ouvidos e deslumbraram com a sua beleza os nossos olhos já pouco afeitos a exibições daquela natureza. Todas as alunas honraram os meritos da sua digna professora, mas importa signa-lar, dentre elas, com referencia especial D. Judit de Sousa e Melo e D. Emilia Valadares, as duas rainhas da festa que entusiasmaram delirantemente a escolhida assistencia que teve o prazer de as admirar. E a respeito transcrevemos do *Éco Artistico* a seguinte apreciação:

«Merece referencia especial *Mademoizelle* Judit de Sousa e Melo, que executou o *Scherzo* de Albert como uma verdadeira concertista.

Sem desmerecer no valor das demais executantes, de justiça é mencionar que foi a que mais se salientou, dando fundadas esperanças de que virá a ser uma pianista muito distinta, pois para isso lhe não faltam aptidões.»

Para remate de tão explendorosa festa junte-se ao encanto divino da arte, aos prodigios daqueles temperamentos artisticos, os encantos dominadores da natureza, a beleza empolgante de algumas gentis executantes que, além de nos deliciarem com tão bôa musica, tambem nos embalaram com a visão consoladora de uns palmitos de cara que nós ainda hoje avivamos, como um linitivo em meio da *nossa magua sem remedio*... Essas favorecidas da arte e da natureza são, entre outras, D. Georgeana Martins, D. Maria Livia, D. Maria do Carmo, D. Zeila, D. Maria Nazaret, D. Nerina de Sousa e Melo e D. Ilda Acheman.

Terminando, diremos mais uma vez que foi um concerto esplendido; uma audição primorosa, levada a efeito por noveis executantes que ámanhã serão estrelas consagradas nos ceus risonhos da arte, aureolando, de fulgores inapagaveis, o nome da incomparavel artista que é a professora D. Adelia Heinz.

GOVÊRNO CIVIL DE AVEIRO

Vai ser aberto concurso para provimento do logar de amanuense da repartição do govêrno civil com a dotação de 200$00 anuaes e emolumentos.

ESCOLA NORMAL

—=(*)=—

Porque terminassem, por este ano, as aulas nêste acreditado estabelecimento de ensino dirigido superiormente pelo abalisado professor sr. José Casimiro da Silva, apressamo-nos a dar a nota dos resultados obtidos pelos seus alunos, completa com a seguinte relação:

Transitaram para a 2.ª classe Carlota de Araujo Valente, Maria Olinda Lôbo, Sara de Seabra Coelho, Emilia Ferreira Estimado, Fernanda Ferreira da Silva, Felicidade Maria dos Anjos Pereira, Maria Estrela de S. José, Clara A. Silva, Elisa Ferreira da Silva, Maria de La Salete Marques Vidal, Angela Maria de Almeida, Rosa Nunes de Oliveira, Adelaide da Luz Santiago, Ascensão de Jesus Fernandes, Alice da C. Pedrosa, Maria Julia de Almeida Costa, Maria José Bento Soares, Maria da Conceição Miranda e Mélo, Ester Rezende, Maria da Luz F. da Conceição Batista, Ana Rosa de A. Barreto, Bernarda de Jesus de Azevedo e Pinho, Maria Augusta de Rezende, Rosa da Conceição, Maria do Nascimento Ferreira, Helena A. Domingues, Alcina Pires, Celeste da Gloria Paião, Maria da Graça Namorado, Margarida Marques de Carvalho, Guilhermina Ferreira da Silva, Justa Ferreira Dias, Alzira Correia Franco, Cacilda da Conceição Pato, Adélia da Conceição Rocha, Ermelinda de Oliveira Freire, Maria Rita de Andrade Costa, Rosa Nunes da Silva, Dinis Pires da Silva, Florindo da Cruz Griné, João Marques Ramalheira, Bento Capote Veiga, Boaventura Ferrer Antunes, Miguel da Silva Portugal Junior, Manuel Nunes Carlos, Mario Antonio Ferreira Aguiar, João Rodolfo Vasco de Carvalho, João Maria Domingues Grêgo e Manuel Tavares Jorge.

Transitaram para a 3.ª classe Ana Pereira Mourão, Aida Branca Simões das Neves Aguiar, Maria do Céu de Almeida, Virginia da Rocha Trindade, Maria da Conceição Fernandes Vieira, Adelaide Soares Pereira, Maria José da Silva Cruz, Maria da Conceição Bessa, Joana de Jesus Azevedo, Maria Clotilde da Silva Marques Gomes, Amélia Augusta da Maia Pereira, Luisa de Jesus Henriques, Lucinda de Rezende e Silva, Maria dos Anjos Praia, Maria Albertina Dias, Aurea da Conceição Rodrigues, Adélia Dantas Cerqueira, Natália Dantas Cerqueira, Herminia Seabra de Moraes, Modesta Correia de Miranda Rocha, Clotilde Eduarda de Matos Dias, Luís Maria de Almeida e Santos, Manuel de Pinho Lemos, Manuel Estudante, Adolfo Ferreira Diogo, Cezário da Cruz, Francisco Pereira Ramalheira, Luís Marques de Pinho, Jaime Vieira de Carvalho, José Teixeira da Costa, Joaquim Augusto Lito, João Maria Cortez, Oscar Moreira Carlos da Silva, Manuel Cerveira, Antonio Marques Mira, Aurélio de Oliveira da Rocha e Argélio de Oliveira de Miranda Rocha.

Os exames de saída devem principiar no dia 8 prolongando-se por todo o mez visto ser grande o numero de candidatos a professores admitidos.

Aos habitantes da freguezia de Esgueira

—=(*)=—

Com este titulo foi profusamente espalhado ali e pelos logares proximos, o seguinte manifesto:

E' necessario que tudo se esclareça.

Em Esgueira nunca houve cultual.

Assim o declarou o sr. governador civil, no dia 13 do corrente mez, aos cidadãos Manuel Gamélas, Augusto Queiroz, Manuel Sarrazina, Evaristo Rodrigues e Gonçalo Cabiça que lhe foram pedir para abrir a egreja—mentindo positivamente áquela autoridade, porque a egreja nunca esteve fechada ao culto.

Em Esgueira nunca existiu cultual.

Assim o declarou sempre o sr. juiz da Irmandade do Sacramento.

No obstante, o padre Gil fez acreditar ao povo ingenuo que a cultual existia; arredou os catolicos da egreja; desacreditou a egreja e tudo quanto néla existia e por fim abandonou a mesma egreja,—esse logar sagrado onde se fez o nosso batismo e que nós todos sempre respeitámos—passando o mesmo Gil a exercer o culto no quarto da sua casa de habitação!!!

Nenhum bom catolico póde tolerar que se abandalhe, deste modo, a religião.

Se o padre Gil não queria usar das egrejas ou capélas de Esgueira tinha as de Aveiro, onde, com honra, podia exercer o seu mister.

Em Esgueira nunca existiu cultual.

E tanto assim é que o padre Gil, como a sua intriga não poude vencer, quer agora voltar para a egreja, e até já não lhe repugna o toque dos sinos nem o uso das cruzes da egreja.

E' impossivel!

O padre Gil, e só o padre Gil foi o causador de tudo o que se tem passado nésta freguezia de Esgueira, relativo ao culto.

Abandonou a egreja, sem razão; desacreditou-a pela sua boca, pela boca dos seus ingenuos amigos e pelos jornaes que ele por aí fazia distribuir.

Abandonou a egreja.—Perdeu, civilmente, *o direito á mesma egreja*, tal qual como perdeu o direito á residencia e ao registo da paroquia que ele tambem não torna a adquirir.

Quem disser ao povo o contrario disto, mente.

O padre Gil foi e continua a ser o causador da desunião catolica; e éssa desunião continuará enquanto o Gil aqui estivér.

Se não fosse o padre Gil já o culto estaria restabelecido, como antigamente, desde Fevereiro.

Viria para aí um outro padre mandado pelo Ex.mo Prelado, que contentasse a todos.

E' esta a unica maneira de resolver a questão.

E quem pensar o contrario, pensa mal ou anda iludido.

Se são verdadeiros catolicos, que querem a paz, peçam ao Prelado um padre verdadeiro, que possa agradar a todos.

Não queira meia duzia de ingenuos impôr um padre odiento.

Para terminar:

O padre Gil não póde voltar a ser paroco désta freguezia.

O padre Gil está em Esgueira por capricho, porque, segundo ele diz, não precisa disto porque *tem que comer e beber*.

O padre Gil tem sido e é o causador de tudo.

A egreja e capélas estão abertas a todos os crentes e a todos os padres, menos áquele que tem sido a causa do nosso desasocego.

Contai estas verdades ao Prelado e pedi-lhe outro padre; pois só assim tudo voltará ao antigo—a contento de todos.

Mas outro *padre verdadeiro*, não, ó amigos?...

Até se o juiz da irmandade do Santissimo pudésse ser!...

Tudo ficava em casa...

Aos nossos assinantes de S. Thomé

a quem enviámos á cobrança os recibos de *O Democrata* pedimos, afim de nos evitarem novas despêsas, o obsequio de os satisfazerem mlogo que sejam apresentados, o que muito agradecemos.

CARTA

—=(*)=—

Sr. Redactor

Para desfazer uma mentira em que de algum modo sou envolvido, rogo-lhe o especial obsequio de me conceder nas colunas do *Democrata* o espaço indispensavel para a publicação do que vou referir, pelo que, e desde já, se confessa sumamente grato o

De v. etc.,

Requeixo, 30 de Junho de 1914

Manuel Maria Tavares.

Em conversa amena com um meu amigo, veio á téla a magna questão entre a Junta de Paroquia désta freguezia e a Câmara Municipal do concelho, dizendo-me aquêle amigo que era do meu inteiro (!) conhecimento a Junta de Paroquia estar na posse antiquissima do terreno em questão, fundamentando a sua afirmativa no facto (injustificado) de, ha anos, a Junta *ter dado alinhamento para a construção duma casa contigua ao mesmo terreno, o que eu não podia ignorar visto ser, então, secretário da corporação.* Era o que ouvira dizer, acrescentou, sem poder afirmar quem fosse o pae da creança.

Protestei, como hoje protesto, e protestarei sempre contra éssa requintada mentira que outra coisa não tem por fim que não seja deprimir e insultar a quem de vizeira erguida póde cuspir na cara dos traficantes de má morte o epiteto de trapalhões.

Cumpre-me dizer neste lugar o que referi ao meu amigo informador relativamente ao fantastico *alinhamento dado* pela Junta de Paroquia de que fui secretário, o que passo a fazer pela fórma seguinte: Em tempo que não posso precisar, numa sessão da Junta o padre José Marques Vidal, presidente déla, disse que junto ao terreno de logradouro público pertencente ao logar da Povoa do Valado andava em construção ou pretendia construir-se uma casa particular, e que êle, presidente, estava informado de que néssa construção se incluia terreno público. Em vista do exposto era sua opinião que a Junta verificasse do caso, de modo a não consentir na usurpação desse terreno, caso a houvésse, lembrando que o meio mais prudente para o fim desejado era o de a corporação ir ao local e ali colher as impressões que os factos sugerissem. Concordando a Junta com a proposta que, salvo erro, não foi mencionada na acta, o presidente indicou um domingo futuro para a deligencia prevenindo-me para o acompanhar. Não fiz a menor objecção por duas razões: 1.ª porque o padre Vidal era, sem ofensa pela sua memoria, um perfeito autoritario; 2.ª porque considerei que, procurando dissuadi-lo do seu proposito, podia recair sobre mim a suspeita de me poupar a trabalhos.

Com efeito, no dia designado lá nos apresentamos. Pela impressão que o caso nos ofereceu, chamei o presidente á parte, segredando-lhe que o papel que a Junta se propunha desempenhar, caso interviésse em materia de alinhamento, era sobremaneira ridiculo e porventura ilegal: ridiculo porque, tendo o sr. Pedro dos Santos Coutinho edificado ali uma casa anteriormente a essa data, a Junta de Paroquia não intreviu no caso; agora que se tratava dum facto de igual natureza, ia esta corporação apoquentar o particular, salvo erro pobre, o que dava margem a dizer-se que os ricos faziam o que lhes aprouvesse e aos pobres tudo se proibir; ilegal porque no meu entender, e em conformidade com as disposições do Codigo Administrativo de então, o terreno de que se trata, embora os restantes baldios désta freguezia que não estejam nas condições do primeiro, sejam paroquiaes, é pretensa da câmara municipal.

Depois de bréve reflexão, o presidente concordou comigo, mostrando apenas o seu descontentamento por eu não lhe fazer a advertencia em plena sessão, ou ao menos em casa para lhe poupar o passeio, do que me defendi com as razões acima expostas e acrescentando est'outra—é preciso vêr.

Voltados ao adjunto, o padre José M. Vidal deu por terminada a deligencia sem mais formalidade alguma, fundamentando o seu procedimento em alguns tópicos da exposição que lhe fiz e aqui deixo reproduzida.

Depois disso nunca mais a Junta de Paroquia deu um passo a respeito desse terreno, como doutros em iguais circunstancias, se a memoria me não atraiçôa.

Aí fica, em ligeiros traços, o que foi esse falado *alinhamento* com o qual se pretende deprimir a reputação dos vivos sem respeito pela honra propria e pela memoria devida aos mortos.

O que no meio de tudo acho engraçadissimo é não se saber o ventre em que foi gerada essa *galga* descabelada com dentes ponteiros, como tambem ignoro quem fossem os progenitores da outra cadéla tinhosa:—*A Câmara quer apossar-se individamente do terren o da Fonte no logar da Povoa do Valado para assim chamar seus aos restantes baldios da freguezia!*

Concluindo, cumpre-me declarar que o facto de eu não concordar com o procedimento da Junta, nomeadamente desde a primeira destruição das arvores que a Câmara mandou plantar, plantio esse que não só tinha o fim altruista de converter o terreno de pantanoso que é e tristonho por deserto, em sitio agradavel e higienico, mas, tambem, o de glorificar a festa da *Árvore*, a minha discordancia, ia dizendo, não traduz o desejo de que o terreno em questão seja privativo da Junta ou da Câmara, aguardando a decisão dos tribunais com a qual me darei por satisfeite. Oxalá eu possa dizer com verdadeira satisfação que neste país uma vez ao menos se fez justiça.

Manuel Maria Tavares

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO

DIAS	PHARMACIAS
5	MOURA
12	LUZ
19	RIBEIRO
26	ALLA

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

CORRESPONDENCIAS

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 1

Reunião de corvos de Loiola efectuada em 23 de Junho, na egreja de Ossela, concelho de Oliveira de Azemeis

Ainda nada sei de positivo o que se tratou na tal reunião dos tonsurados deste concelho e do de Macieira de Cambra. Ha quem diga que se trocaram só impressões sobre a eleição dum deputado nacionalista e tambem ha quem diga em Ossela, que, *a rainha dá muito dinheiro para vir o rei e que ele agora que vem porque os aludidos corvos infernaes de Loiola, agentes da tripudiada seita orleanista, se mete nisso*... Por aqui se vê que esta corja de reaccionarios anda a manobrar fazendo do templo coio da reacção, abusando por consequencia da benevolencia da Republica. Procuram a todo o transe lançar-nos nesse cruel e antigo cativeiro, para assim melhor satisfazerem as suas ambições torpementes escuras, dum povo que um punhado de bravos libertou do jugo dos tiranetes. E' conveniente vigiar estes inimigos da Patria e da Republica que sempre foram prejudiciaes á familia portuguêsa e hão-de ser, se não destrinçaremos as paginas da historia e veremos o que foram os primeiros tempos da nossa nacionalidade com respeito a esses infames sotainas, em que os primeiros reis se viram nos maiores embaraços, obrigados a fazer uso das armas, desde Afonso Henriques, erguendo a pesada espada para degolar a cabeça do legado do Papa.

O que sucedeu ao pobre Sancho I, que morreu sob a flagelação jesuitica ardilmente arquitetada na agonia do pavor que sobre ele faziam pezar os vencidos de ontem, agora vencedores, sobre o rei fraco e ensandecido, facto que não poderam repetir com Pedro I, em virtude da força por este empregada para lhes domar os impetos, começando por zurzir com um chicote o incito e poderoso bispo do Porto, é bem um exemplo. Daí em diante, sempre a luta cerrada e infame, essa luta que em 1580 tocou o seu auge, devido á introdução nas maximas de Cristo desse elemento torvo de Loiola, que nos entregou ás garras aduncas de Castela. O desterro desse grande liberal, o Marquez de Pombal, e a infame e imunda corte beata de Maria I e de Carlota Joaquina, as mizerias sob a invasão franceza e o crime nefando de Gomes Freire, eis os exemplos frisantes para nos precavermos. Em vista do que exponho não se sabe se a junta de paroquia deu licença para a reunião, e por isso sería conveniente o sr. administrador averiguar do caso, pois é necessario que ele se esclareça e se a junta afina pelo mesmo instrumento do abade para apuramento de responsabilidades.

A'lérta contra os inimigos da Patria e da Republica!

C.

Anadia, 30 de Junho

No jornal *A Mealhada* escrevia no penultimo numero uma carta o sr. S. Mamede, désta vila, na qual dizia ir meter ombros a uma empreza que, pela cérta, lhe não trazia grandes resultados, para defender os retratos dos falecidos José Luciano de Castro e Alexandre de Seabra, que, após a proclamação da Republica, foram retirados da sala das sessões da nossa Câmara Municipal.

Chamou á estacada o sr. Mamede uma proposta que o sr. Albino Nunes Cordeiro, vereador, apresentou numa das suas sessões ordinarias para que os referidos retratos fossem novamente colocados na sala, tendo para isso a câmara resolvido reunir em sessão extraordinaria. Esta foi convocada ha dias e vae vêr se falta a éla a memoria do sr. Justino de Sampaio Alegre, dando provas de ser muito *ingrata*, pois que os dignos vereadores oposicionistas foram dos individuos que receberam mais favores dos *mortos em questão*...

E por isto, e por mais nada, vem o sr. Sebastião Mamede ocupar coluna e meia de prosa ao jornal *A Mealhada*, dizendo coisas do *arco da velha*... é claro, sem prestimo nenhum.

Mas, uns dizem que os extintos monarquicos prestaram beneficios a Anadia e que, por isso, devia a câmara ter na sala das suas sessões os seus retratos; outros, preguntam quais foram esses beneficios, porque, se os fez, Anadia desconhece-os; e ainda outros teem a opinião de que os ditos retratos não devem ir para a sala camararia, porque não é logar proprio onde possam estar figuras da monarquia pôdre e depravada que ia sepultando no abismo o nosso Portugal.

Achamos justa esta ultima opinião, porque a verdade é esta:—os falecidos Seabra e Luciano se valeram aos seus afilhados de Anadia, não prestaram beneficio á vila, e não fizéram mais que o dever deles, pois que os tinha sempre ás suas ordens, prontos para o caciquismo, aptos para as *chapeladas* e firmes para todas as poucas vergonhas!

E por estes factos querem esses afilhados agora dar um logar de honra aos seus padrinhos, *que Deus haja*, na sala do nosso municipio!

Não póde ser... O logar que os seus afilhados lhes devem pedir é o céu, essa côrte celestial, onde eles pódem estar descançados, para que ninguem incomode as suas memorias. Façam rezas, realizem mais missas do que aquélas que já se teem feito, e terão conseguido *honrar* os falecidos conselheiros da monarquia e os *saudosos* protétores de tanto comedôr...

Isso sim; isso é que é proprio e digno.

Na sala das sessões da nossa Câmara a quem compete esse logar de honra é ao busto da Republica, porque ele simbolisa Patria, Egualdade, Justiça e Liberdade!

E estamos convictos de que os nossos camaristas despresarão as palavras oucas desses pobres de espirito, para tomar em devida consideração, porque são bons e sincéros republicanos, o nosso alvitre patriotico.

Assim o esperamos.

=Os santos casamenteiros—S. João e S. Pedro—foram festejados nésta vila pela mocidade folgazã, que dançou em dois pavilhões construidos no Largo Candido dos Reis e no bairro dosOlivaes.

Ambos os ranchos estivéram animados e dançou-se até tarde.

=O *célebre* conspirador padre Alvaro, que em Vilanova de Monsarros armou ha tempos os *carólas* de pedras, foices e pausinhos para fazer uma revolução contra os liberaes daquéla localidade, enviou á redacção da *Bairrada Livre* una *terribel* carta ameaçando fazer e acontecer ao sr. Henrique Cerveira, residente no Brazil, por este lhe ter descoberto os manejos reaccionarios e aclarado os boatos falsos propalados pelas *santas* linguas de outros *alvaros-jesuiticos* désta vila.

Por solidariedade, a *Bairrada* não deu publicidade á tal carta—provocadora do assanhado conspirador Alvaro.

A publicação ou resposta á ameaça —só um rijo marmeleiro!

=Tem-se escrito nos jornaes pedindo providencias para que alguns empregados públicos que em Anadia se encontram, sem que a lei tal consinta, sejam colocados nos seus devidos logares para acabar com esta politica de padrinhos e afilhados, que só póde acarretar males á Republica.

Por exemplo os srs. José Vicente das Neves, fiscal dos impostos, e o conhecido *Róchinha de S. Lourenço*, empregado da antiga escola agricola, são dois ferrenhos inimigos das ideias republicanas—e tambem dos republicanos—não pódem nem devem, por lei, estar nésta vila.

Mas, apezar de deputados e outros politicos de infiuencia saberem que ha esta ilegalidade, ainda ninguem providenciou neste sentido, quando afinal se deveria olhar para isto urgentemente; é demais agora, bréve, vamos ter eleições e aí os temos a galopinar votos fazendo a costumada propaganda de descrédito das instituições.

O govêrno não deve consentir nésta vila empregados monarqnicos (nem republicanos) a abusar da lei que deve ser cumprida para honra e prestigio da Republica, pois os deve colocar nas terras respectivas onde são obrigados a permanecer para que se não coma o dinheiro do Estado sem se trabalhar.

A'queles—outros *Conde de Agueda* da monarquia, que em tudo pretendiam mandar—nos dirigimos para haver mais amôr aos principios e mais respeito pelas leis da Republica!

=No orgão da Fonte do *Regalo* um ex-empregado público lastima a sua sorte, porque parece ter sido dado como incompetente para o serviço...

Incompetencia não póde ser... Talvez outra coisa, porque isso era um descrédito para a familia...

Pobre rapaz—tem de agarrar na *sacóla* se quizér viver...

E' sempre assim... para os *velhos* republicanos.

F. B.

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 19 de Julho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal judicial desta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, nos autos de execução hipotecaria em que é exequente Francisco Maria dos Santos Freire, solteiro, e executados Leonardo da Cruz Bento e mulher Maria Joana da Cruz, todos de Aveiro, vão á praça para serem arrematados por quem mais oferecer acima da respectiva avaliação, os seguintes predios pertencentes e penhorados aos executados:

UM ARMAZEM

de pedra e cal e todas as suas pertenças, sito no Caes das Falcoeiras, Bairro de João Afonso, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, foreiro á Câmara Municipal de Aveiro, anualmente de 2$50, no valor de 850$00

UM ARMAZEM

de pedra e cal com suas pertanças, sito no Rocio, Bairro de João Afonso, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, foreiro á Câmara Municipal de Aveiro, anualmente de 1$35, no valor de 323$00

UM ASSENTO

de casas com parte de casas terreas e parte com casas altas, assobradadas, com quintal e mais pertenças, sito na rua dos Arraes, Bairro de João Afonso, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, foreiro anualmente á Câmara Municipal de Aveiro, de 3$71(5, no valor de 1:925$70

As despezas da praça são pagas pelo arrematante, e a contribuição de registo por titulo onerozo será paga nos termos da lei.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos, sob pena de revelía.

Aveiro, 25 de junho de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.